

Milão bilingue: o jesuíta Tommaso Ceva (1648-1737)¹

Bilingual Milan: the Jesuit Tommaso Ceva (1648-1737)

Emanuele Colombo

DePaul University

Resumo: As obras do jesuíta milanês Tommaso Ceva (1648-1737) apresentam um equilíbrio singular entre instâncias diferentes: defesa do antigo e curiosidade em relação ao moderno, confiança no progresso científico e fidelidade à tradição religiosa, imitação dos modelos clássicos e reinvenção fantástica, veneração da língua latina e busca de uma língua viva, defesa da centralidade da Igreja de Roma e abertura aos “novos mundos”. Trata-se de verdadeiros *bilinguismos*, uma categoria que parece adequada para descrever o ambiente cultural e religioso de Milão no período da “crise da consciência europeia”, rico em difusões e contaminações. Assim, este artigo procura analisar quatro “bilinguismos” que podem ser encontrados nas obras de Ceva: o cultural, o poético, o linguístico e o teológico.

Palavras-chave: Tommaso Ceva. Bilinguismo. Cultura da Primeira Modernidade.

Abstract: The works of the Milanese Jesuit Tommaso Ceva (1648-1737) present a singular balance between different instances: the defense of the ancient and the curiosity for the new, trust in scientific progress and fidelity to the religious tradition, imitation of the classical models and fantastic reinvention, veneration for the Latin language and a quest for a live language, defense of the centrality of the Church of Rome and openness to the ‘new worlds’. These are real ‘bilingualisms’, a category that seems appropriate to describe the religious and cultural environment of Milan in the period of the “crisis of European consciousness”, rich in diffusions and contaminations. Thus this article aims at analyzing four ‘bilingualisms’ one can find in Ceva’s works: a cultural, a poetic, a linguistic and a theological bilingualism.

Keywords: Tommaso Ceva. Bilingualism. Early Modern Culture.

¹ Uma primeira versão deste ensaio foi publicada em italiano com o título de “Milano Bilingue. Il Gesuita Tommaso Ceva (1648-1737)”, in: CARPANI, A.; CASCETTA, A.; ZARDIN, D. (Ed.). La cultura della rappresentazione nella Milano del Settecento: discontinuità e permanenze. Atti delle giornate di studio 26-28 novembre 2009. Milano, 2010, p. 77-97.

“Vejam lá em Milão aquele padre sábio, que da época de dezembro já se aproxima, e parece que ainda não chegou a maio?” O poeta bergamasco Giovanni Cantoni traçava assim o perfil de Tommaso Ceva, personagem representativo de uma Milão de início do século XVIII, da qual se continua a descobrir a vivacidade cultural e intelectual². O amigo poeta Francesco de Lemene criticava afavelmente o pintor Giuseppe Fiori que, em sua visão, não tinha conseguido colher no retrato de Ceva a sua personalidade: “Se é tal o teu valor, que usando os teus pincéis os espíritos podes pintar, teu colorido não é assim tão fino, que valha a retratar o Espírito Divino”³.

A longa vida de Ceva, passada em grande parte no Colégio de Brera, fez dele uma verdadeira instituição nos círculos culturais e intelectuais da cidade⁴. Poeta, membro da Arcádia, crítico literário, autor de aparatos festivos para ritos civis e religiosos, mas também brilhante matemático, Ceva esteve em contato próximo com homens eminentes da cultura italiana, como testemunham suas correspondências: basta lembrar o epistolário mais volumoso com o matemático Guido Grandi e com Ludovico Antonio Muratori, que oferece “o retrato de um intelectual do início do século XVIII entre novidade e tradição”⁵.

2 “Milão, com frequência desvalorizada injustamente, pode, ao contrário, ser considerada, valendo-se da expressão de Franco Venturi, um dos lugares onde era mais intensa a vida intelectual: não, portanto, um local marginal, privo de interesse, ausente do grande cenário da História”. “Introduzione”. In BONA CASTELLOTTI, M.; BRESSAN, E.; VISMARA, P. (Org.). *Politica, vita religiosa, carità. Milano nel primo Settecento*. Milão: Jaca Book, 1997, p. 9-12, p. 10.

3 “Ó Fior (contigo esteja a paz) / Quando na tela o meu Ceva a mim tu finges, / Se ainda não tinges seu espírito vivaz, / E se é tal o teu valor, / Que usando os teus pincéis / os espíritos podes pintar; teu colorido / (contigo a paz no cor) não é assim tão fino, / Que valha a retratar espírito divino” [Tradução livre de (N.T.): O Fior (sia con tua pace) / Mentre in tela il mio Ceva a me tu fingi, / Se il suo non pingi ancor spirito vivace, / E se tale hai valore, / Che co’ pennelli tuoi / Ritrar gli spirti puoi; quel tuo colore / (Sia con tua pace ancor) non è sì fino, / Che vaglia per ritrar spirito divino]. *Sob o retrato do P. Tommaso Ceva da Companhia de Jesus*, cit. in CORDARA, G. C. “Vita del Padre Tommaso Ceva milanese della Compagnia di Gesù detto Callimaco Neridio” in *Le vite degli arcadi illustri scritte da diversi autori, e pubblicate d’ordine della Generale Adunanza da Michel Giuseppe Morei, parte quinta*. Roma: Antonio Rossi, 1751, p. 131-152, p. 144.

4 Para um perfil bibliográfico: MILANI, F. Nota biobibliográfica in CEVA, T. *Iesus Puer*. Tradução e comentário de Felice Milani. Parma: Fondazione Bembo-Guanda, 2009, p. XLVII-XLIIIIVII; ZANLONGHI, G. *Teatri di formazione. Actio, parola e immagine nella scena gesuitica del Sei-Settecento a Milano*. Milão: Vita e Pensiero, 2002, p. 239, n. 15; GRONDA, G. *ad vocem*, DBI, XXIV (1980), p. 325-328; BACKER, A. de; SOMMERVOGEL, C. *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. Bruxelas-Paris: Schepens-Picard, 1890-1932, t. II, col. 1015-1024; COR-DARA, Vita; FERRARI, G. *Guidonis Ferrarii Soc. Jesu de P. Thoma Ceva ejusdem Societatis com-mentarius*, “Raccolta d’opuscoli scientifici e filologici”, t. 44. Veneza: Occhi, 1750.

5 ZANLONGHI. *Teatri di formazione*, p. 243. Sobre o epistolário de Tommaso Ceva com Guido Grandi cfr. PAOLI, A. *La scuola di Galileo nella storia della filosofia. Documenti. Corrispondenza del Padre Grandi col Padre Ceva*. Pisa: 1908; TENCA, L. “La corrispondenza epistolare fra Tommaso Ceva e Guido Grandi”, *Rendiconti. Classe di scienze matematiche e naturali (Istituto lombardo di scienze e lettere)*, 1951, p. 519-537; SIMONUTTI, L. Guido Grandi, scienziato e polemista, e la sua controversia con Tommaso Ceva, “Annali della scuola normale superiore di Pisa: Classe di Lettere e Filosofia”, ser. 3, 19, 1989, p. 1001-1026. BALDINI, U., *Grandi Guido, Dizionario Biografico degli Italiani*, (de agora em diante DBI), LVIII, 2002. Cartas de Ceva a Muratori

Todos sabem – escrevia o biógrafo de Ceva – que para ser poeta [...] é necessário um engenho férvido, alto, feraz e, como dizem, criativo. Para ser matemático é necessário um engenho sutil, forte, profundo, penetrante e fixo. Ele teve não somente um engenho grande, mas todos os dotes dos grandes engenhos juntos, que geralmente se encontram cindidos, tendo sido ao mesmo tempo grande matemático e grande poeta⁶.

Não é simples encontrar uma chave de leitura exaustiva para compreender um personagem eclético e complexo como Ceva: todavia, parece possível identificar em suas obras teatrais, poéticas, teológicas e científicas, assim como em suas cartas, a presença constante de uma tensão entre elementos diversos, às vezes opostos, sinal característico do período em que viveu. Estamos diante de uma articulação fundamental, as décadas de passagem entre os séculos XVII e XVIII, que marca mudanças radicais nos campos político, religioso e cultural⁷. Estudos recentes têm posto em evidência a natureza bifrontal da Milão de início do século XVIII, contribuindo para redimensionar ou modular a conhecida categoria de “crise da consciência europeia”⁸.

Em Ceva convivem num delicado equilíbrio instâncias diferentes: defesa do antigo e curiosidade em relação ao moderno, confiança no progresso científico e fidelidade à tradição religiosa, imitação dos modelos clássicos e reinvenção fantástica, veneração da língua latina e busca de uma língua viva, defesa da centralidade da Igreja de Roma

Milão bilíngue:
o jesuíta
Tommaso Ceva
(1648-1737)

87

estão conservadas em Modena, Biblioteca Estense, Arquivo Muratoriano, 60, 2 (inéditas, citadas em parte in ZANLONGHI, Teatri di formazione e MILANI, Nota). Muratori cita frequentemente Ceva em suas cartas, que permitem assim reconstruir ligações e amigos comuns: cfr. MURATORI, L. A. *Epistolario*, org. por M. Campori, 14 vol. Modena: Società Tipografica Modenese, 1901-1922. Muratori cita Ceva em alguns poemas: MURATORI, L. A. *Poesie italiane inedite*, org. por A. Ruschioni, Milano: Vita e Pensiero, 1996, p. 157. Cfr. BONFATTI R., *L'«erario» della modernità. Muratori tra etica ed estetica*. Bologna: CLUEB, 2010, p. 212. Entre outras trocas epistolares importantes destacamos a do poeta de Lodi Francesco de Lemene: Lodi, Biblioteca Laudense, *Lettere autografe di diversi a Francesco de Lemene*, Ms XXXIV A 28; Lodi, Biblioteca Laudense, *Minute di lettere diverse del signor Francesco de Lemene scritte in vari luoghi e tempi*, Ms XXXI A 30. Além dessas, cinco cartas de Ceva a Daniello Bartoli: *Lettere edite ed inedite del Padre Daniello Bartoli della Compagnia di Gesù e di uomini illustri scritte al medesimo*. Bolonha: Mareggiani, 1865. p. 109-128.

6 CORDARA, *Vita*, 134.

7 Sobre a Milão religiosa de início do século XVIII, ver os riquíssimos estudos de Paola Vismara e Danilo Zardin; além disso, as contribuições reunidas no volume ACERBI, A.; MARCOCCI, A. (Org.) *Politica, vita religiosa, carità. Ricerche sulla chiesa di Milano nel Settecento*. Milão: Vita e Pensiero, 1988.

8 HAZARD, P. *La crisi della coscienza europea*. Milão: Il Saggiatore, 1983. Para uma discussão crítica da ideia de “crise da consciência europeia” cfr. VENIÈRE, P. “Peut-on parler d’une crise de la conscience européenne?” In *L’età dei Lumi. Studi storici sul Settecento Europeo in onore di Franco Venturi*. Nápolis, 1985. v. I, p. 57-78; VERGA, M. *Tra Sei e Settecento: un’ «età delle pre-riforme?»*, “Storica”, 1, 1995, p. 89-121.

e abertura aos “novos mundos”. Trata-se de verdadeiros *bilinguismos*, uma categoria que parece adequada para descrever um período histórico rico em difusões e contaminações⁹.

Bilinguismo cultural: uma *philosophia novo-antiqua*

Ezio Raimondi definiu como “bilinguismo cultural” a postura de Maillon, Benedetto Bacchini, Muratori e muitos católicos galileianos do fim do século XVII¹⁰. Trata-se da postura em que a busca “desapaixonada” da realidade, a precisão filológica e a resposta científica da informação não excluem o amor pelo “refinamento retórico” e a fidelidade à tradição católica.

Essa postura foi particularmente difundida no interior da Companhia de Jesus, cujos homens de ponta “praticaram a ciência em níveis de excelência, contribuindo para a difusão do newtonianismo e do experimentalismo¹¹. Certamente, inclusive para estes, as atividades de laboratório, o exercício da geometria e da matemática deviam ser voltados *ad maiorem Dei gloriam*, mas isso não impediu que eles atualizassem seu método e até nos colégios da Companhia se impusesse o universo da precisão¹².

Tommaso Ceva pertencia a esse mundo. Embora menos conhecido que o irmão Giovanni, ele também foi brilhante matemático e físico. Seu *Opuscola mathematica* (1699), junto a um breve tratado em que propunha um novo método para a divisão dos ângulos, foi resenhado nos

9 Sobre os limites da categoria da “descontinuidade” no caso de Carlo Maria Maggi cfr. ZARDIN, D. “Carlo Maria Maggi e la tradizione culturale milanese tra Sei e Settecento”. In ACERBI; MARCOCCHI (Org.). *Politica, vita religiosa, carità*, p. 213-234.

10 Cfr. RAIMONDI, E. “La formazione culturale del Muratori: il magistero di Bacchini”. In *Lodovico Antonio Muratori e la cultura contemporanea. Atti del Convegno internazionale di studi muratoriani*. Modena, 1972; Firenze: L. S. Olschki, 1975, p. 3-23.

11 Como observa Ugo Baldini, é difícil estabelecer em que medida se possa falar de uma influência direta de Newton no pensamento de Ceva e no de seu aluno Sacchieri. Cfr. BALDINI, U. “Archimede nel Seicento italiano”. In DOLLO, C. (Org.) *Archimede. Mito, tradizione, scienza*. Siracusa-Catania, 9-12 dicembre 1989; Florença: L. S. Olschki, 1992, p. 237-289. Em uma carta a Grandi (10 de janeiro de 1725), Ceva escreve: “Este grande homem [Newton] não tem certamente a clareza de V.P., de quem entendi muito bem inclusive as proposições mais abstrusas. Mas isso pode ser também por eu não estar familiarizado com a maneira de demonstrar desse autor, nunca antes por mim visto e estudado: e muito mais pelo agravamento do tempo, estando hoje com a idade de setenta anos.” Cit. in CANZIANI, G. “Entre Anciens et Modernes: la physique de Gassendi dans la *Philosophia novo-antiqua* de Tommaso Ceva S.J.”. In MURR, S. (Org.), *Gassendi et l'Europe, 1592-1792. Actes du Colloque international, Sorbonne 6-10 octobre 1992*. Paris: Vrin, 1997, p. 315-334, p. 318, n. 6. Cfr. também CANZIANI, G. “Descartes e Gassendi nella *Philosophia Novo-antiqua* di Tommaso Ceva”. In BERETTA, M. – MONDELLA, F. – MONTI, M. T. (Org.). *Per una storia critica della scienza*. Bolonha: Cisalpino, 1996, p. 139-164.

12 ZANLONGHI. *Teatri di formazione*, p. 241.

Acta Eruditorum. Foi o precioso interlocutor de um matemático famoso como Guido Grandi – existe uma troca epistolar de quase quinhentas cartas entre os dois – enquanto o matemático jesuíta Gerolamo Saccheri, o primeiro a demonstrar teoremas de geometria não euclidiana, foi seu aluno¹³. E ainda, o Marquês de Leganés, governador de Milão nos anos de 1691-1698, “ia encontrá-lo em Brera, abandonando o cortejo a pé pelas escadas e, com isso, toda a sua dignidade e a de sua nação, ia sozinho ao quarto dele, onde ficava horas inteiras em conversas familiares e eruditas”¹⁴.

Ceva ficou conhecido, sobretudo, por um poema de divulgação científica em hexâmetros latinos, a *Philosophia novo-antiqua* (1704)¹⁵. O título é muito eloquente: o autor queria encontrar uma terceira via no debate entre os antigos e os modernos, mostrando que as novas descobertas, especialmente as relativas à gravidade e aos movimentos celestes, não demoliam os aspectos fundamentais da doutrina aristotélica: “Imprimi em versos – escrevia a Muratori – uma filosofia com meu jeito: mista de novo e antigo”¹⁶.

De um lado, Ceva demonstrava apreciar o novo: em uma carta a Daniello Bartoli, ele criticava os que “usam as forças de seu engenho para sustentar sentenças, antigas sim, mas decadentes e em ruínas, não porque sejam verdadeiras, mas porque lhes incomoda que não o sejam”¹⁷; Ceva era favorável ao método experimental, a alguns aspectos da física de Descartes, da contribuição das novas descobertas científicas e acusava os mais tenazes defensores dos antigos de sustentar um aristotelismo intolerante. Assim escrevia a Guido Grandi:

Agradeço-lhe pela bela reflexão a meu favor na hipótese cartesiana, que será muito apreciada pelo padre Saccherio, pois ele me disse várias vezes ver em meu sistema uma grande confir-

13 Ceva participou do círculo toscano da Academia dos *Vigilanti*, nascida nos anos Dez do século XVIII e frequentada por estudiosos famosos, como Vincenzo Viviani (galileiano), Guido Grandi, Pietro Paolo Caravaggio, todos homens com estreita relação com Ceva. Cfr. SEREGNI, G. “La cultura milanese nel Settecento”. In *Storia di Milano*. Milão: Fondazione Treccani degli Alfieri, 1953-1996, XII, p. 567-640, p. 569-570.

14 CORDARA. *Vita*, p. 141. Veja também o episódio em que Leganés conduziu Ceva ‘por traição’ ao teatro, para comprovar a proximidade entre os dois. Cfr. *Ibid*, p. 147.

15 CEVA, T. *Philosophia novo-antiqua Thomae Cevae*. Mediolani: Bellagatta, 1704. Edições sucessivas: Milão, 1716, 1718; Veneza: Girardi, 1732. O conteúdo da *Philosophia* foi em parte antecipado em *De natura gravium*. Milão, 1699. Uma resenha da *Philosophia* in “Mémoires de Trévoux” (1728), p. 503-524.

16 Ceva a Muratori, outubro de 1722.

17 *Lettere edite ed inedite del Padre Daniello Bartoli D.C.D.G. e di altri nomi illustri scritte al medesimo*. Bolonha: Mareggiani, 1865, p. 109-128. Cit. in MILANI, *Introduzione*, in CEVA, *Jesus Puer*, p. IX-LXV, p. XV.



mação a favor de Descartes. E embora eu tenha em relação à hipótese mencionada algumas dificuldades insuperáveis, a estimo, como se percebe, e em todo meu livro [*De natura gravium*] não se verá coisa alguma contra esse autor [...]”¹⁸.

Além disso, ele dizia ter grande estima por Galileu: “tendo-me [...] ocorrido algumas inquietações, aconselhei-me com meu pai espiritual em matemática, Galileu, homem firme, que penetrou as coisas a fundo”¹⁹.

Emanuele
Colombo

90

Por outro lado, Ceva condenava alguns erros dos modernos, em particular sua convicção da onipotência da ciência, da qual o jesuíta não cansava de enfatizar os limites. O que os antigos tinham bem claro, e que os modernos erravam ao esquecer, era a incapacidade do homem de conhecer todos os elementos da natureza. Desse ponto de vista, um objetivo polêmico privilegiado era, sem dúvida, o materialismo atomístico de Gassendi²⁰.

No pensamento de Ceva, o antigo e o moderno convivem e se entrecruzam continuamente: o valor dos modernos tem suas origens na antiguidade e os mitos dos modernos têm suas raízes no passado. Assim, por exemplo, depois de ter criticado Gassendi, Ceva chegava às origens do atomismo e identificava Lucrecio e Epicuro como os verdadeiros adversários a combater²¹. Nesse sentido, é interessante também a opinião de Ceva sobre a teoria copernicana: ele defendia com força o direito de formular hipóteses de um cientista, concedendo aos estudiosos alto grau de liberdade, mas condenava quem pretendia elevar as hipóteses à condição de verdade efetiva, acusando-o de fazê-lo somente por franca hostilidade em relação à Igreja²². Ceva repetia frequentemente não querer vestir-se “com panos velhos”, aceitando sem crítica a tradição, mas almejava que antiguidade e modernidade estabelecessem um diálogo, reagissem e se completassem mutuamente²³. A relação entre antigo e moderno devia servir para manter

18 Ceva a Grandi, 8 de novembro de 1700, cit. in CANZIANI, *Entre anciens et modernes*, p. 320, 14.

19 Ceva a Grandi, 14 de julho de 1700 in PAOLI, *La scuola di Galileo*, p. 89.

20 Cfr. CANZIANI. *Entre anciens et modernes*.

21 Sobre o uso de Lucrecio por parte de Ceva cfr. HASKELL, Y. “Sleeping with the Enemy: Tommaso Ceva’s Use and Abuse of Lucretius in the *Philosophia novo-antiqua* (Milan, 1704)” in: FEROS RUY, J. (Org.). *What Nature Does Not Teach. Didactic Literature in the Medieval and Early-Modern Periods*. Turnhout: Brepols, 2008, p. 497-520. Naqueles anos circulava a tradução italiana manuscrita de Lucrecio, obra de Alessandro Marchetti. Cfr. SACCENTI, M. *Lucrezio in Toscana: Studio su Alessandro Marchetti*. Florença: L. S. Olschki, 1966.

22 Cfr. CANZIANI. *Entre anciens et modernes*.

23 “Desuetos iterumne velis inducere pannos? Non istud volo; Sed mistum ex prisco atque recenti nescioquid medium, quo tuto incedere possim” (CEVA. *Philosophia novo-antiqua*, p. 24). “At the end of the second book he argues that the ancient and modern philosophies are, by themselves, equally ruinous:



unido o saber, superando os rígidos esquematismos dos antigos e contendo as pretensões excessivamente especialísticas das filosofias experimentais que queriam instaurar, inclusive no campo teológico-doutrinário, princípios de tipo materialístico-racional e que tendiam a fazer da matemática e da lógica uma “luz sem memória e sem sombra”²⁴.

Bilinguismos poéticos: em busca do bom gosto

A convivência de instâncias opostas aparece também na concepção poética de Tommaso Ceva. Como dito, o jesuíta foi autor de poesia em latim, de prosa em vulgar e foi refinado crítico literário. Em 1718, publicou *Memorie d'alcune virtù del Signor De Lemene*²⁵, em que enriquecia a biografia do amigo poeta de Lodi com amplas reflexões sobre a arte do poetar, sobre a definição do “bom gosto”, sobre a busca de cânones estilísticos. É um tema que o jesuíta discute também nas cartas com Muratori, que era muito sensível ao assunto e que havia a pouco publicado *Della perfetta poesia italiana* e *Riflessioni sopra il buon gusto*²⁶.

Também nesse caso, uma característica dominante é a tensão entre antiguidade e modernidade, que inserem Ceva na disputa que havia inflamado o mundo literário europeu do século XVII²⁷. Ceva revela ceticismo e sofrimento em relação aos inovadores que, como escrevia a Muratori,

querem sair fora do comum e encontrar novas estradas; e acontece com frequência que a novidade atraia muitos seguidores e forme uma seita, de onde nasce um prazer muito diferente do prazer real que havia antes²⁸.

the best of the old should be enriched with the best of the new – that is the latest scientific discoveries, from the circulation of the blood to dioptrics”. HASKELL. *Sleeping*, p. 501, n. 15.

24 A expressão de Marc Fumaroli é retomada por BATTISTINI, A. *Galileo e i gesuiti. Miti letterari e retorica della scienza*. Milão: Vita e Pensiero, 2000, p. 9-10.

25 CEVA, T. *Memorie d'alcune virtù del signor conte Francesco de Lemene con alcune riflessioni sul le sue poesie esposte dal P. Tommaso Ceva*. Milão: Malatesta, 1706. Edição moderna (que contém somente o VII e VIII capítulos das *Memorie*): LEMENE, F. DE. *Poesie diverse* e CEVA, T. *Memorie d'alcune virtù del sig. Conte Francesco de Lemene*, org. por A. Anelli. Milão: Polena, 1988. Sobre a poética de Ceva cfr. MASIELLO, V. *Critica e gusto di Tommaso Ceva*, “Convivium”, 27, 1959, p. 288-313; ID., *Le idee estetiche di T. Ceva*, “Convivium”, 28, 1960, p. 298-317; RAMAT, R. *La critica del P. Ceva*. Firenze - Città di Castello: Macri-Leonardo da Vinci, 1947. MORPURGO-TAGLIABUE, G. *Il gusto nell'estetica del Settecento*. Palermo: Centro Internazionale Studi di Estetica, 2002.

26 MURATORI, L. A. *Della perfetta poesia italiana spiegata, e dimostrata con varie osservazioni da Lodovico Antonio Muratori*. Modena: Soliani, 1706; ID., *Riflessioni sopra il buon gusto intorno le scienze e le arti*, di Lamindo Pritanio. Veneza: Pavino, 1708.

27 Cfr. FUMAROLI, M. *Le api e i ragni. La disputa degli antichi e dei moderni*. Milão: Adelphi, 2005.

28 Ceva a Muratori, 20 de maio de 1722.

Milão bilíngue:
o jesuíta
Tommaso Ceva
(1648-1737)

91

Por outro lado, a necessidade de uma fé substancial ao modelo clássico não podia, em suas palavras, ser rígida e esquemática, e a norma devia ser sempre redimensionada em nome do prazer.

Os axiomas universais, a nós deixados pelos mestres da arte, quando postos então em prática, devem finalmente ser submetidos quase inteiramente ao bom juízo, ao bom gosto, e à guia e maestria da natureza. Pois, por maior que seja o estudo envolvido em alguma tragédia ou em um poema, se essas composições não encontram o prazer universal, de nada adiantam as apologias e as defesas com as quais se pretende conformá-las aos ensinamentos dos mestres da arte²⁹.

A fidelidade aos “axiomas universais” dos “mestres da arte” devia ser continuamente posta em discussão e fazer as contas com o “bom juízo”. Ao definir o bom gosto, Ceva referiu-se sempre à apreciação do público, ao qual ele esteve muito atento. Quando, após a morte do confrade Carlo Ambrogio Cattaneo, jesuíta e orador sacro entre os mais conhecidos de Milão, Ceva reuniu suas cartas e literalmente “perdeu a vista” ao reorganizá-las, nunca deixou de verificar a opinião dos leitores, como testemunha seu biógrafo.

Na medida em que vinha reunindo os vários textos, costumava lê-los para iletrados de bom senso, chamando para as ocasiões os irmãos (assim eram chamados os leigos entre os jesuítas), e, por vezes, os empregados mais toscos de casa, aos quais os lia minuciosamente, observando os pontos em que estivessem pouco atentos, sinal de que não entendiam, e aqueles trechos depois reescrevia de outro modo até que lhe parecessem adequados ao gosto e à inteligência de todos. Com essa habilidade, conseguiu ver essas obras nas mãos de comerciantes, de lacaios e até de mulheres mais simples e ignorantes. Em uma das vezes, deu com um vendedor de queijo, o qual, virando-se e gritando em alta voz ‘Queijo bom’, segurava juntos os óculos e certo livro aberto sobre um meio parmesão, que continuava lendo ininterruptamente, mas com atenção. A cena agradou o padre, que foi

29 CEVA. *Memorie*, p. 98.

avisado pelo companheiro. Parou-o, perguntou-lhe: o que estava lendo? ‘As lições do padre Cattaneo’, respondeu ele. E o bom padre provou grande satisfação, argumentando ter atingido o que desejava, ou seja, adaptar aqueles ótimos livros ao gosto das pessoas, ainda mais as rústicas e grosseiras³⁰.

Em uma das epístolas latinas *De lingua Latina*, Ceva retornava ao assunto. Em sua opinião, o povo, mesmo se ignorante, possuía um intuito natural para o belo³¹.

Um exemplo de fidelidade à tradição poética e de contínua reinvenção encontra-se em *Iesus Puer*, poema sacro latino publicado em 1690, texto fortunatíssimo que teve inúmeras traduções e edições e com o qual Ceva insere-se na *multidão* de poetas jesuítas que produziram na Europa, durante o século XVII, exemplos excelentes de poesia neolatina.

Os elogios dos contemporâneos decretaram sua fortuna na idade moderna: Francesco Redi chamou Ceva o “Virgílio sacro desta cidade de Milão e de toda a Itália”³², enquanto Muratori, falando da “felicíssima fantasia e imaginação das coisas”, escrevia: “entre tantos poetas modernos poderosos e maravilhosos que conheço neste lugar, um dos primeiros, para mim, é o padre Tommaso Ceva, da Companhia de Jesus”³³. Os julgamentos sobre a poesia de Ceva começaram a mudar a partir do século XIX: segundo Luigi Settembrini, *Iesus Puer* “contém a quintessência do arcadismo e da estupidez poética”; Carducci falou da “heróica bobagem do padre Ceva”, enquanto Croce o representou como o exemplo mais completo da tendência “devota e santarrona” que, em sua opinião, descrevia tanta poesia latina do século XVII.

O texto, que devido a essa *damnatio memoriae* oitocentista, nem ao menos é citado nas mais prestigiosas histórias da literatura italiana, foi recentemente trazido à luz graças a uma ótima edição crítica e tradução italiana de Felice Milani. A história se inspira nos seiscentistas

Milão bilíngue:
o jesuíta
Tommaso Ceva
(1648-1737)

93

30 CORDARA. *Vita*, p. 139.

31 “[...] pulchrum venustumque / agnoscit dulce natura; quanquam haud sciat artem, / nec sibi cur placeant norit. Solimaelda Tassi, quanquam multa olim linguae non usque probatae / nec satis excretae culparet Hetruria, lauro / donavit vulgus. Vulgus quoque tempora lauro / Vergilii cinxit, cum docti ad sidera ferrent / Ennium: et egregium Ferraria quem dedit olim, / Italiae vatem, frustra illum, ut traditur, aula / neglexit: vulgus contra stetit et merita aura / sustulit Eridani cycnum”. CEVA, T. “De lingua latina, et de veterum imitatione Nicolao Jannetasio e Soc. Jesu” in *Sylvae* (na edição de 1732, p. 11-18).

32 REDI, F. *Opere*, vol. VIII. Milão: Società Tipografica de’ Classici Italiani, 1811, p. 206-207 in MILANI, *Introduzione*, p. XXXVI.

33 MURATORI. *Della perfetta poesia italiana*, t. I, 168. Cit. in: MILANI, *Introduzione*, p. XLV.

Commetaria in concordiam et historiam evangelicam do jesuíta português Sebastião Barradas³⁴, que desenvolvem a afirmação de Atanásio, segundo o qual Jesus, ainda menino, manifestou a própria divindade aos habitantes de Nazaré.

Se as fontes principais são a Bíblia, os Evangelhos apócrifos e a literatura hagiográfica, não faltam fontes poéticas profanas: numerosas são as referências à *Eneida*, à *Tebaida* de Estácio, às *Geórgicas*, mas também a Plauto, que é para Ceva modelo de gestualidade³⁵. “Tratam-se, em certos casos, de fontes propriamente ditas, em outros, de simples coincidências com motivos difusos; no entanto, por trás das imagens, dos comportamentos e dos gestos, das cenas e do desenrolar narrativo de *Iesus Puer*, percebe-se a complexidade de uma tradição literária submetida por Ceva a uma singular reelaboração fantástica”³⁶. É uma reelaboração que consiste, sobretudo, no realismo da descrição das personagens, principalmente as crianças e as figuras humildes, que remetem a cenas do campo lombardo, que o autor conhecia bem. “Um realismo que parece derivar de uma experiência vital feita de coisas vistas”³⁷ e que rendeu a Ceva o apelido de “maravilhoso pintor dos costumes da natureza”. Assim se referia a ele Muratori em *Perfetta poesia italiana*: “desejando ele representar os objetos, os costumes e as pessoas em movimento e ação, figura-as fixamente naquele ato, e depois usa cores tão vivas que nos faz não só compreendê-las, mas vê-las ainda no próprio ato”³⁸.

A história sacra do menino Jesus se entrelaça com a vida cotidiana dos habitantes de Nazaré, com o trabalho nos campos, com as festas dos povoados que servem de cenário para a história principal. Também a natureza participa dos acontecimentos, festejando e cortejando o Menino com um maço de flores e frutos fora da estação. Frequentemente há dois níveis de leitura, como na cena em que Maria recebe do Menino Jesus um cacho de uva recém-colhido e, contrariando a lei das estações, o trigo, de repente, amadurece ao redor deles. Para explicar o fenômeno, Jesus fala profeticamente da instituição da Eucaristia.

34 BARRADAS, S. *Commetaria in concordiam et historiam evangelicam*, 4 vol., Coimbra, 1599-1611.

35 O poema tem uma estrutura teatral e o diálogo tem grande importância. “O registro frequente dos gestos das mãos, com relação a vários personagens, configura-se como um instrumento para obter efeitos de tipo cênico”. MILANI. *Introduzione*, p. XLVI.

36 MILANI. *Introduzione*, p. XL.

37 MARANGONI, G. P. *Cultura figurativa nel P. Tommaso Ceva*, “*Philologica*”, II, 2-3, 1993, p. 55-65, agora in ID., *Grammatica audax. Studi di italianistica latina*. Turim: [s.e.], 2008, p. 17-27.

38 MURATORI. *Della perfetta poesia italiana*, t. I, p. 176-177. Cit. in: MILANI. *Introduzione*, p. XLVI.

Obstrupuit genitrix: Unde haec, unde aurea messis?
Cui Puer: Hac olim gemina sub fruge, cruento
Iam propior letho, instituam solempna sacra,
Atque utroque tegam Numen mirabile velo.
*Nec plura: attonitam dictis, trepidamque reliquit*³⁹.

A história sacra, que envolve anjos e diabos que participam de banquetes, lutam e agem a favor de ou contra Jesus, não deixa de ter referências mais ou menos explícitas aos acontecimentos históricos dos últimos anos do século XVII. No terceiro livro, o exército dos diabos, que se prepara para lutar contra Jesus, é comparado às tropas de Kara Mustafa que assediaram Viena nos anos Oitenta do século XVII. Em geral, os turcos retornam com frequência no poema, quer como representação da potência do mal, quer como documento da vitória final do cristianismo⁴⁰. E ainda, no livro VI, há uma descrição das guerras de religião, representadas nos tapetes do paraíso terrestre em que Jesus e Maria são transportados para serem protegidos de uma emboscada dos diabos; enfim, em uma oração final a Maria, o autor recorda o rei Carlo II de Habsburgo, do qual, justamente nos anos em que Ceva escrevia, aguardava-se em vão o nascimento de um herdeiro.

Aspice terrarum quantum gemino regat orbe,
Qua cadit exoriturque dies, Regnator Iberi
Carolus. Huic sobolem coniustis orbis uterque
Fletibus implorat. Populorum flexa rogantum,
O Diva Hesperiae custos, tutelaque regum
Austriadum, sceptri haeredem impertire querelis.

39 *Jesus Puer*, livro II, 142-146. “Ficou maravilhada a mãe: “De onde vem esse trigo de ouro?” E a ela o Menino: “Um dia sob a dupla espécie destes frutos da terra, estando então mais próximo da morte cruel, instituirei um solene sacrifício e cobrirei com um ou outro véu um Deus admirável”. Nada mais acrescentou e a deixou atônita e assustada pelo que havia dito” [Traduzido a partir da versão italiana de Felice Milani (N. T.): “Restò stupefatta la genitrice: “Da dove viene questa messe d’oro?” E a lei il Bambino: “un giorno sotto la duplice specie di questi frutti della terra, trovandomi ormai più vicino alla morte cruenta, istituirò un solenne sacrificio e nasconderò con l’uno e l’altro velo un Dio mirabile”. Non aggiunse altro e la lasciò attonita e sgomenta per quanto aveva detto” (p. 76)].

40 Cfr. *Jesus Puer*, livro V, 209 e sgg.; livro VI, 262 e sgg.; livro IX, 375 sgg. e os preciosos comentários de Felice Milani a essas passagens. Sobre a importância e a representação do turco na Itália no fim do século XVII, ver os ensaios de Giovanni Ricci, Stefania Nanni e Paola Vismara in: HEYBERGER, B.; GARCÍA-ARENAL, M.; COLOMBO, E.; VISMARA, P. (Org.). *L’Islam visto da Occidente. Cultura e religione nel Seicento europeo di fronte all’Islam*. Genova-Milão: Marietti, 2009.

*Milão bilíngue:
o jesuíta
Tommaso Ceva
(1648-1737)*

95

Tuque novae uxori, quae nunc maria aspera tranat,
Partheni, stella maris, cui venti et nubila parent,
Sterne aequor placidum, tempestatesque coerce⁴¹.

Iesus puer teve grande influência na cidade de Milão, inclusive graças ao imponente sujeito de difusão de religiosidade e cultura representado pelas congregações jesuíticas milanesas. A dedicatória da edição de 1718 de *Iesus Puer*⁴² à Congregação de Retórica do Colégio de Brera indica o uso público do texto, cujos temas e estilo foram amplamente retomados por uma série de oradores sacros de Natal em vulgar, representados por alguns anos, no início do século XVIII, pela Congregação jesuítica da Imaculada Conceição na casa de São Fidélis⁴³. Certamente *Iesus Puer* era destinado a um público culto e refinado, enquanto os oradores se dirigiam ao povo, mas é fácil pensar que imagens, ideias, sugestões contidas no livro circularam e influenciaram os autores dos libretos. Em *L'inferno a consi-*

41 *Iesus Puer*, livro IX, 323-331. “Olha sobre quantas terras nos dois mundos, onde cai e onde surge o sol, reina Carlos, o soberano da Espanha. Ambos os mundos, unindo o pranto, imploram para ele uma descendência. Comovida por lamentos dos povos que oram, ó santa guardiã da Espanha e protetora dos reis de Casa d’Áustria, dá um herdeiro ao cetro. Tu, ó Virgem, estrela do mar, à qual obedecem os ventos e as nuvens, aplaina tranquilas as águas para a nova mulher, que agora atravessa ásperos mares; e freia as tempestades”. [Traduzido a partir da versão italiana de Felice Milani (N. T.): “Guarda su quante terre nei due mondi, dove cade e dove surge il sole, regna Carlo, il sovrano di Spagna. Entrambi i mondi, unendo il pianto, implora-no per lui una discendenza. Comossa dai lamenti dei popoli che pregano, o santa custode della Spagna e protettrice dei re di Casa d’Austria, dona un erede dello scettro. Tu, o Vergine, Stella del mare, a cui obbediscono i venti e le nuvole spiana tranquille le acque alla nuova moglie, che ora attraversa aspri mari; e frena le tempeste” (p. 374-375)].

42 Sobre as várias edições de *Iesus Puer* e suas variantes, ver MILANI, F. “Nota al testo”. In CEVA. *Iesus Puer*, p. 400-411. A edição de 1718 contém a seguinte dedicatória: “Parthenijs Sodalibus Rhet. Brayd. Congregationis Deiparae Virginis Dominicus Bellagatta”. Sobre as congregações jesuíticas milaneses, ver ZARDIN, D. “Confraternite e “congregazioni” gesuitiche a Milano fra tardo Seicento e riforme settecentesche”. In ACERBI, A.; MARCOCCI, M. (Org.) *Ricerche sulla Chiesa di Milano nel Settecento*. Milão: Vita e Pensiero, 1988, p. 180-252 (uma referência a Ceva nas p. 189-190).

43 Trata-se de doze oradores, dos quais são conservados os libretos (mas sem a música) na Biblioteca Nazionale Braidense de Milão, representados nos primeiros dias de janeiro nos anos 1708-1726. Sobre os oradores de Natal milaneses que retomam temas já propostos por Ceva cfr. GALLARANI VACCARINI, M.. “L’ambrosianità’ del contesto nella storia dell’oratorio milanese”. In BESUTTI, P. (Org.) *L’oratorio musicale italiano e i suoi contesti (secc. XVII-XVIII)*. Atti del convegno Internazionale. Perugia, Sagra Musicale Umbra, 18-20 de setembro de 1997, *Quaderni della Rivista italiana di musicologia*, 35, 2002, 453-488; EAD., *La lauda spirituale, la cantata sacra e l’oratorio nella vita religiosa e musicale dei PP. Gesuiti a Milano (1563-1773)*, Tese do Conservatório de Música G. Verdi. Milão, 1993; CHIRICO, F. “Parola e musica in scena: l’oratorio musicale a Milano tra 1715 e 1780” in CARPANI, R.; CASCETTA, A. (Org.) *Immagini, visioni, epifanie. Professionisti e dilettanti sulla scena milanese fra età spagnola ed età austriaca*, “Comunicazioni Sociali”, 22, 2000, p. 331-443; GRELLA, D. *La drammaturgia nell’oratorio musicale a Milano dal 1860 al 1715*. Tese de conclusão de curso em Letras, Faculdade de Letras e Filosofia, Università Cattolica del Sacro Cuore di Milano, ano 1996-1997; enfim, o meu “‘The music must serve the poetry’. The oratorio in eighteenth-century Milan in the Jesuit Congregation of the Immaculate Conception”. In CELENZA, A.; DELDONNA, A. R. (Org.) *In Pursuit of a Cultural Mission: The Jesuits and Musical Communities*. Philadelphia: St. Joseph University Press, no prelo e ali ulterior bibliografia.

glio⁴⁴, reencontramos a cena dos diabos que se mobilizam – escandalizados pela encarnação – para mover uma guerra contra o Menino Jesus; em *I fiori in contesa*⁴⁵, a personificação da primavera decide fazer desabrochar as flores em dezembro para festejar o nascimento do Menino; além disso, a beleza fora do comum do menino Jesus é a prova de sua divindade; encontramos, enfim, o mesmo realismo descritivo modelado em imagens do campo lombardo. Temas certamente não novos, mas que são retomados pelos oradores milaneses com claras assonâncias com o texto de Ceva, mostrando, assim, sua ampla circulação e influência.

A tensão entre antigo e novo que se encontra na poesia e na prosa de Ceva está presente também nos aparatos festivos para os ritos civis e religiosos de Milão, dos quais Ceva foi prolífico idealizador. Os aparatos constituíram na época barroca um verdadeiro gênero, em que arquitetura, palavra, imagens e representação teatral se entrelaçavam; em Milão, por todo o século XVII, os jesuítas de Brera tiveram um papel de primeiro plano na organização desses eventos que celebravam ocasiões faustosas ou de luto e que marcaram o vínculo institucional entre a Companhia e a cidade. Em sua pesquisa aprofundada sobre os aparatos de Tommaso Ceva, Giovanna Zanlonghi destacou as correspondências entre a poética de Ceva e suas idealizações arquitetônicas dos aparatos, mostrando uma superação do barroco e falando de uma “arquitetura novo-antiqua”⁴⁶.

Milão bilíngue:
o jesuíta
Tommaso Ceva
(1648-1737)

97

44 *L'inferno a consiglio. Oratorio sacro da recitarsi il giorno 7 Gennaio 1711 nell'insigne Congregazione dell'Immacolata Concezione della Beata Vergine Eretta nella Casa Professa di S. Fedele de' RR. PP. Della Compagnia di Gesù. Poesia e musica del M. Rev. Sig. G.M. Milão, Nella Regia Ducale Corte, por Marc'Antonio Pandolfo Malatesta Stampatore Regio Camerale, 1711.*

45 *I fiori in contesa per formar corona a Gesù Bambino nato nella stalla di Betlemme. Oratorio da recitarsi il giorno 7 Gennaio 1717 nella veneranda Congregazione della Beata Vergine.*

46 Cfr. ZANLONGHI. *Teatri di formazione*, p. 235-259. Dos aparatos idealizados por Ceva, há relatórios impressos (que consultei na Biblioteca Nazionale Braidense de Milão): *Esequie celebrate alla gloriosissima memoria della Serenissima Maria Anna Reina di Spagna nel Duomo di Milano il giorno 3 settembre 1696*, em Milão, na Corte Régia Ducal, por Marc'Antonio Pandolfo Malatesta, 1696; *Sposizione dell'Apparato e dell'Accademia Letteraria fatta nell'Università di Brera della Compagnia di Gesù in ossequio della Cattolica Maestà della Reina Elisabetta Cristina sposa di Carlo III Re delle Spagne in occasione del suo passaggio per Milano*, em Milão, impressão de Giuseppe Pandolfo Malatesta, 1708; *Dichiaratione della machina de' fuochi d'allegrezza per la venuta della Serenissima Reina delle Spagne Lisabetta Cristina di Bransvic nel suo passaggio alle nozze col Re Cattolico Carlo III nostro Monarca, eretta nella piazza del Real Castello di Milano*, em Milão, impressão de Giuseppe Pandolfo Malatesta, 1708; *Relazione delle pubbliche feste fatte dalla Città di Milano alli 7 di Giugno 1716 per la nascita del Serenissimo Arciduca Leopoldo Principe delle Austrie*, em Milão, por Giuseppe Pandolfo Malatesta, 1716; *L'Ercole. Machina per festa di fuochi, eretta nella piazza del Duomo di Milano d'ordine della Giunta militare, e consagrada in trofeo al Serenissimo Principe Eugenio di Savoia, per le sue vittorie, e conquiste nella Fiandra*, em Milão, impressão de Giuseppe Pandolfo Malatesta, 1709; *Il trionfo della Primavera. Festa di fuochi per la nascita del Serenissimo Arciduca Leopoldo Principe delle Asturie, disposta in tre macchine nella piazza del Real Castello di Milano*, em Milão, impressão de Giuseppe Pandolfo Malatesta, 1716; *Relazione del funerale celebrato in Milano per comando della Sacra Maestà Cesarea e Cattolica l'Augustissimo Imperatore Carlo VI*, em Milão, 1721.

Além da tensão entre fidelidade à tradição e contínua reinvenção, há outros pólos dialéticos que convivem na tentativa longa e sofrida de Tommaso Ceva de identificar e definir uma poética própria: “razão e afetos a nível psicológico, ‘juízo’ e fantasia a nível gnosiológico, verossímil e fantástico a nível poético, invenção e *labor limae* a nível retórico”⁴⁷. Merece aqui ser mencionada a relação entre juízo e fantasia, que Ceva descreveu com a conhecida imagem do cavalo (o engenho, a fantasia) e do cavaleiro (o juízo, a razão).

Assim, ocorre frequentemente que, em um caminho desastroso e intrincado, um cavalo que tenha feito aquela viagem ache as trilhas e os passos oportunos até na escuridão da noite muito melhor que o cavaleiro, apesar de este ter antes se informado das várias estradas que deve seguir, servindo-lhe as rédeas somente para controlar o corcel a fim de que não corra impetuosamente ou não tropece. [...] E, nessas conjecturas, o cavalo, isto é, a natureza, o gênio e a fantasia encontram bem melhor as estradas e conduzem de modo muito mais seguro do que a razão, que serve somente para moderar a corrida, para evitar as quedas. Em suma, a natureza com a moderação do juízo torna-se arte⁴⁸.

A arte e a poesia eram, portanto, resultado de um equilíbrio entre a natureza e a moderação do juízo, entre o fantástico e o verossímil; e também, a arte era a relação viva e contrastada de um louco com um sábio ou, segundo uma definição que se tornou famosa, “um sonho tido à luz da razão”⁴⁹.

Bilinguismo “de fato”: sobre o uso do latim

Um terceiro bilinguismo de Ceva está relacionado ao uso do latim. Ceva insere-se na multidão de poetas neolatinos europeus, entre os quais estiveram muitos jesuítas⁵⁰, ativos promotores e conservadores “pedagó-

47 ZANLONGHI. *Teatri di formazione*, p. 248.

48 CEVA. *Memorie*, p. 123-124. Sobre o uso da mesma imagem do cavalo por outros autores da Companhia de Jesus (Daniello Bartoli e Antonio Possevino) cfr. GRAZIOSI, E. *Questioni di lessico. L'ingegno, le passioni, il linguaggio*. Modena: Mucchi, 2004.

49 Todas as definições estão em CEVA. *Memorie*, op. cit.

50 Cfr. *Jesuit Latin Poets of the 17th and 18th centuries. An Anthology of neo-latin poetry*. Wauconda: Bolchazy-Carducci Publishers, 1989; THILL, A. (Org.). *La lyre jésuite. Anthologie de poèmes latins (1620-1730)*. Geneva: Droz, 1999.

gicos” da língua latina, uma língua durável no tempo, não suscetível aos modismos e, sobretudo, uma língua universal. Fiel a essa linha, Tommaso Ceva, que escreveu muitas obras de prosa em vulgar, usou exclusivamente o latim para a poesia⁵¹.

No início do século XVIII, uma nova fase da disputa entre os antigos e os modernos vê a contraposição dos partidários da língua latina mais pura, a clássica, considerada imortal, e quem, por sua vez, considerava o latim uma língua superada e propunha incrementar as línguas vulgares, em particular a francesa.

O tema da relação entre a língua neolatina, o latim clássico e a língua vulgar tinha sido tratado no fim do século XVII por Gian Vincenzo Gravina, e o debate estava aceso nos ambientes da Arcádia. Em Milão, contribuiu para esse debate o poeta Carlo Maria Maggi, com uma série de composições sobre a relação entre o latim e o vulgar.

Uma das *Epistolae* de Ceva em hexâmetros é dedicada ao tema da língua. Trata-se da epístola *De lingua latina et veterum imitatione*, endereçada ao poeta e confrade napolitano Nicola Giannettasio⁵² (1648-1715). Como Ceva, também Giannettasio foi um engenho versátil, experto em matemática e ciências astronômicas e geográficas, prolífico poeta latino e personalidade cultural de destaque no circuito da erudição napolitana entre o fim do século XVII e o início do XVIII. Ceva e Giannettasio, embora atuando em contextos culturais diversos, foram ambos refinados cultores da língua latina em prosa e em verso e atentos às problemáticas ligadas à moderna versificação naquela língua.

De lingua latina é uma lúcida reflexão sobre o papel e a função que a língua latina deveria assumir na época moderna, então marcada pela prevalência das línguas nacionais (sobretudo pelo francês) e por um uso reduzido e marginal do *sermo romanus*. Ela se apresenta como uma disputa dialética na qual Ceva dá voz, em um diálogo imaginário, às próprias opiniões e às réplicas de Giannettasio.

No diálogo, Giannettasio reivindica uma concepção sacra e quase religiosa do *sermo classicus*. O latim, como língua douta, deve contar com uma tutela que comporta a recusa de acréscimos irregulares e estrangei-

Milão bilíngue:
o jesuíta
Tommaso Ceva
(1648-1737)

99

51 Felice Milani considera infundada a atribuição a ele feita por *Quadrio di tredici oratori poetici in lingua italiana*. Cfr. MILANI. *Introduzione*, p. XXIII. Os oratórios são atribuídos a Ceva também por Sommervogel.
52 TARZIA, F. *Giannettasio Nicola* in *DBI*, XLIV, 2000, p. 448-449. Ceva admirou muito os poemas latinos de Giannettasio. Veja também LEONE, M. *Milano chiama Napoli: T. Ceva, N. Giannettasio e il latino gesuitico tra Sei e Settecento*, “Kronos”, 10, 2006, p. 19-38.

ros. Inclusive as traduções são vistas com suspeita: Giannettasio defende que seja inútil dedicar-se à tradução em latim das poesias de Petrarca ou ceder ao hábito dominante de vulgarizar os autores clássicos, pois esses poetas atingiram o ápice do valor e nenhum procedimento imitativo poderá igualar-se a eles. A posição de Giannettasio “reduz-se a esta, que o latim não pode renovar as palavras, mas se pudesse, não se tornaria mais rico. De fato, por mais que uma língua viva ganhe ao longo dos anos, perde igualmente pouco a pouco. O latim, por sua vez, conserva-se puríssimo, e suas belezas e virtudes permanecerão eternamente”⁵³.

Ceva, ao contrário, propõe com força o uso do latim adequado aos tempos modernos, que contemple a possibilidade de variação sintática e lexical e o tratamento de assuntos novos, não codificados pela tradição. No impulso da fantasia, permanecer entre as palavras antigas estudando-as para avaliar o quanto estejam ‘autorizadas’ é um vínculo duro e um fardo pesado. Os antigos tinham tido a possibilidade de renovar a linguagem e o faziam: por que agora era preciso ficarmos presos a grades que aprisionam a língua a um esquema? Ceva aspira a uma mudança profícua, uma contaminação entre latim e vulgar, a ser feita através do canal das traduções⁵⁴. Em síntese, Ceva concebeu o latim como uma língua viva que, apoiando-se a uma sólida tradição, fosse contaminada pelo vulgar e se adaptasse às exigências do tempo⁵⁵.

Bilinguismo teológico: os ritos chineses

Marc Fumaroli, em sua introdução à antologia de poesias jesuíticas neolatinas *La Lyre Jésuite*, ressaltou como o bilinguismo mantido pelos jesuítas – de um lado, a língua imortal e universal, o latim; do outro, as línguas vulgares – foi expressão de uma postura dupla da Companhia de Jesus: a atenção às situações específicas e nacionais em que se encontravam e, ao mesmo tempo, uma abertura ao mundo, a ponto de motivar-se a aprender línguas que jamais ninguém havia estudado com tal dedicação⁵⁶.

53 MILANI. *Introduzione*, p. XXX.

54 Em muitas de suas obras e cartas Ceva mostrou sua admiração pelas traduções: entre outras coisas, louvou o irmão Cristoforo pela tradução em latim de *Gerusalemme liberata* e apreciou a tradução em língua vulgar de algumas de suas poesias; algumas *sylvae* foram traduzidas também em dialeto milanês. Parece que ele se sentira tentado a traduzir em latim *Orlando furioso*.

55 A defesa da língua italiana feita por Ceva insere-se na disputa com a França, iniciada em 1687, entre o jesuíta Dominique Bouhours e o marquês Orsi. Cfr. VIOLA, C. *Tradizioni letterarie a confronto: Italia e Francia nella polemica Orsi-Bouhours*. Veneza: Fiorini, 2001; GRAZIOSI. *Questioni di lessico*.

56 “Est ce un paradoxe que les poètes les plus attentifs aux traits les plus singuliers, permanents – et apaisants – du royaume et qui faisaient de lui une demeure d’“humanistas”, aient appartenu à la

Mestres no escrever “pensamentos novos com verbos antigos”, os jesuítas eram capazes de se comunicar em tempos modernos, valorizando e reinterpretando a tradição clássica pagã, como bem documentava a *Ratio studiorum*, programa de estudo de seus colégios. A quem defendia a incompatibilidade do cristianismo com a antiguidade pagã, eles respondiam evidenciando os aspectos de continuidade. Os numerosos temas e citações de Virgílio e de Estácio em *Iesus Puer* são uma mostra dessa sensibilidade jesuítica. Mas a defesa do “romanismo” no sentido mais amplo do termo permitiu aos expoentes da Companhia tratar as tradições não ocidentais com um critério semelhante, valorizando seus aspectos civis, estéticos, culturais. O exemplo da China é, sem dúvida, o mais marcante.

O caso dos ritos chineses é conhecido. O problema nascia de uma pergunta sobre o valor e o significado de alguns ritos confucianos dedicados aos defuntos: tratava-se de ritos religiosos, portanto incompatíveis com o cristianismo, ou de ritos civis que não interferiam na doutrina cristã? Os jesuítas defenderam o caráter civil desses ritos que, portanto, não deveriam ser abandonados por quem se convertia ao cristianismo. Mas nem todos pensavam desse modo e, após longos debates, com tomadas de posição oscilantes por parte dos diversos pontífices, o caso dos ritos sofreu uma reviravolta no fim do século XVII com o envio a Pequim de um representante pontifício e com a avaliação da incompatibilidade dos ritos.

Ceva compôs um libreto manuscrito de *Riflessioni circa le cose presenti della Cina*, em que defendia a posição dos jesuítas, que foi publicado sem seu conhecimento e, em seguida, traduzido ao inglês e ao francês, desencadeando uma longa série de respostas e “contrarrespostas”, que tiveram ampla circulação não somente em Milão e são hoje conservadas na Biblioteca Nacional Braidense⁵⁷.

Compagnie la plus internationale qui fût, et qui était regardée par gallicans et jansénistes comme une intruse en France? Le fait est qu'en Chine, en Bavière, ou au Pérou, la romanité des jésuites leur a partout permis d'allier le sens de l'universel humain à celui de son incarnation dans des traditions singulières et de son enracinement dans un terroir. On admire unanimement aujourd'hui le génie des ethnologues et des linguistes de la Compagnie au cours de ses deux premiers siècles”. FUMAROLI, M. “Introduction” in *La lyre jésuite*, p. XX.

57 Para as riquíssimas fontes – libretos e panfletos – sobre a questão dos ritos chineses cfr. DE BACKER; SOMMERVOGEL. *Bibliothèque*, t. II, col. 1020-1022; t. X, col. 1540-1544; t. XI, col. 1256-1263. As atribuídas a Ceva com certeza: CEVA, T. *Alcune riflessioni intorno alle cose presenti della Cina*, s.l., 1709 (traduzido em inglês e in francês); ID., *Riflessioni sopra la Causa della Cina, dopo venuto in Europa il Decreto dell'Eminentissimo de Tournon*, 1709; ID., *Risposta ad un libro Contro le dodici Riflessioni intitolato Difesa del Giudicio Formato dalla S. Sede Apostolica nel di 20 Novembre del 1704*, s.l., s.d. (em resposta às *Considerazioni* de Tabaglio).

Milão bilíngue:
o jesuíta
Tommaso Ceva
(1648-1737)

101

Ao tratar desse tema, os ânimos frequentemente se inflamavam. Ceva confessava a Muratori ter deixado escapar “uma raivinha” e acusava quem escrevia contra a Companhia sobre esse tema de ser “um herege blasfemador do sangue de Jesus Cristo, que não crê ter sido derramado por todos, ou de ser um católico indigno, ao qual o ódio e o rancor tolheram o senso de caridade cristã”. Do outro lado, o dominicano Giuseppe Maria Tabaglio⁵⁸ respondia às *Riflessioni*, considerando o jesuíta um “cão raivoso”. O tema parece dominar os pensamentos de Ceva nos primeiros anos do século XVIII, como se deduz inclusive de algumas cartas escritas a Muratori.

O senhor não pode acreditar no sofrimento que me causou o resultado realmente trágico da discussão chinesa. E se lhe dissesse que jamais tive angústia maior que esta não estaria longe da verdade, pois me dói o coração ver perder-se aquela cristandade, à qual tenho um afeto especial; condoo-me, em suma, pela ferida provocada em minha cara Mãe, a Companhia; no entanto, mais do que tudo, me dá pena o rigor que vejo introduzir-se no seio de nossa amabilíssima mãe, a Santa Igreja⁵⁹.

As consequências da condenação dos ritos chineses teriam sido, em suas palavras, terríveis: o triunfo do rigor e do jansenismo e uma sombra sobre a infalibilidade papal – já que, no passado, alguns pontífices haviam se manifestado a favor dos ritos.

[Os jansenistas] promoverão, mais selvagem que nunca, a discussão contra a infalibilidade dos Sumos Pontífices, valendo-se dessa declaração com a esperança de contar com o apoio, ou ao menos a dissimulação, de seus próprios adversários. ‘Lá está um papa’, dirão, ‘que permitiu aqueles ritos’, por pura política, depois de já terem ouvido a parte contrária, sem que existissem

58 Giuseppe Maria Tabaglio foi autor de ao menos dois libretos polêmicos sobre a questão dos ritos chineses: TABAGLIO, G. M. *Il disinganno contraposto da un Religioso dell'ordine de' predicatori alla difesa de' Missionari Cinesi della Compagnia di Gesù, opera di un religioso teologo della me-desima Compagnia e ad un altro libriciuolo intitolato: "Esame dell'autorità, e vera intelligenza delle testimonianze delli scrittori Giesuiti allegate in prova del fatto da' moderni impugnatori de' Riti Cinesi"*, in Colonia, pelos Berges, com licença dos Superiores, 1701; ID., *Considerazioni su la Scrittura intitolata "Riflessioni Sopra la causa della Cina dopo venuto in Europa il Decreto dell'E.mo de Tournon"*, s.l., 1709 (ao qual seguiu a resposta de Ceva).

59 Ceva a Muratori, 9 de junho de 1709.

então as declarações em mérito feitas pelo imperador. Eis aqui outro que contradiz o primeiro e o condena⁶⁰.

Entre os tantos aspectos envolvidos no caso, que foi uma prova do vivíssimo debate teológico do século XVII, desejamos ressaltar a linha argumentativa de Ceva. No ano de 1700, os jesuítas haviam redigido um documento, assinado pelo imperador chinês, no qual se declarava que os ritos chineses eram ritos civis e, portanto, não incompatíveis com o catolicismo. Não considerar isso era – para o jesuíta – uma grave miopia, que mostrava ignorância não somente em relação à China e ao mundo chinês, mas também em relação ao modo com que o catolicismo na Europa havia interpretado e valorizado a tradição pagã precedente.

*Milão bilíngue:
o jesuíta
Tommaso Ceva
(1648-1737)*

103

Na China foram introduzidas por Bonzi duas infames divindades, ou seja, dois demônios, Amida e Sciacca, dos quais suponhamos que muitos idólatras tenham herdado o nome. Imagine então que os jesuítas, no sacrossanto batismo, em que se faz uma solene renúncia ao demônio, deem esses nomes sacrílegos aos batizados ou pelo menos os permitam a quem já os tinha; e que a acusação seja levada a Roma com eloquência patética, e com ardor apostólico, e seja dita em alta voz. Os jesuítas chegaram a esse ato em que os chineses saem das mãos do diabo e passam a ser filhos de Deus; em meio aos santos e adoráveis nomes de Jesus Cristo e das três pessoas da Santíssima Trindade (quem nela creria?) chegam a permitir que ressoem os nomes do demônio, dados aos batizados enquanto os benzem, regenerando-os aos céus com a água batismal. Essa maneira de expor não é horrível? Não faz arrepiar os cabelos? Não faz súbito levar a mão à testa para fazer o sinal da cruz até os pés por espanto? E assim mesmo permitem no batismo, na Itália e na própria Roma, os nomes de Cintia, Diana, Hércules e semelhantes; e, nas epístolas de São Paulo, leem-se os nomes de Apolo, Febe, cristãos da Igreja primitiva; e, até no Martirológio Romano, leem-se dias do nascimento de São Baco, São Mercúrio, Santa Ninfa, Santa Lucina, nomes que já foram de demônios e adotados depois no Santo Batismo por aqueles cristãos fervorosos dos primeiros séculos,

60 CEVA. *Riflessioni*, Riflessione VIII.

permitindo assim, e dissimulando, por digníssimas razões, a benigna e piedosa Santa Mãe Igreja [...]»⁶¹.

Na décima primeira reflexão, Ceva imagina a visita a Roma de um mandarim “que tenha aprendido na viagem a balbuciar em italiano”. Acompanhado à igreja de Minerva dos dominicanos, o mandarim faz algumas perguntas:

Esta Minerva é talvez alguma santa da Ordem de São Domingos? Ou então não é uma santa; mas é o nome de uma deusa dos gentis, que saiu da cabeça do deus deles. E estes padres são cristãos? Certamente são. Por que, então, adoram tal deusa? [...] Saiba, senhor mandarim, que este templo não é dedicado a Minerva, mas é conhecido assim pelo povo, pois está construído onde antigamente havia um templo daquela deusa. [...] O que diria dos jesuítas lá na China, se tolerassem em caso semelhante que o templo dedicado a Virgem Maria fosse chamado pelo povo cristão de a igreja de Sciacca ou de Amida? Meu senhor (acrescenta o romano), há uma grande diferença e uma disparidade considerável. Quando o senhor diz Sciacca, vem-nos súbito à mente aquele seu bruto pagode, que se senta com as pernas abertas e com a cara de babuíno. Enquanto ao ouvir Minerva, o senhor mesmo verá formar-se e surgir diante de si a imagem de um convento de religiosos e doutíssimos frades. O uso tolerante ao longo do tempo tirou desse modo de dizer o peso da blasfêmia: mas não é possível entendê-lo se não se habita entre nós por um tempo, até que os ouvidos se tornem europeus⁶².

E significativa é a conclusão do mandarim:

Para vocês, todas as relíquias do gentilismo tornaram-se bagatelas puramente civis, tudo pela tutela das suas intenções; e a boa Santa Mãe Igreja não quer entristecê-los ao proibi-las, pois os olha como filhos. Se é assim, então essa

61 Idem. *Riflessione IX*.

62 Idem. *Riflessione XI*.

boa Mãe, da qual ainda sugamos o leite como crianças, e às tetas da qual permanecemos agarrados, não olha para nós chineses como seus filhos. Estamos distantes demais: há mar demais no meio⁶³.

A visão jesuítica tendia a eliminar a distância e a atravessar o “mar demais no meio” que separava a Europa da China. Pelo mesmo motivo pelo qual a distância temporal que separava a cultura clássica da cristã tinha sido vencida pelos jesuítas em suas escolas, era possível superar a distância geográfica e cultural dos novos mundos. Mas, para isso, era preciso estar-se disponível a conhecer o outro, a compreender sua cultura e aprender sua língua.

*Milão bilíngue:
o jesuíta
Tommaso Ceva
(1648-1737)*

105

Todos nós sabemos, porém, [...] que aquela língua é tão difícil e obscura que, por mais estudo a que se proponha um europeu, se não for educado nela nos tenros anos, ou não tenha, com o estudo obstinado de muitos lustros, empregado toda a força de um grande engenho por um desejo verdadeiro de converter aquelas almas, não poderá saber dela o quanto sabe o menor dos doutores chineses.

Eis um quarto bilinguismo de Tommaso Ceva, que mostra a concepção teológica dominante na Companhia de Jesus. O caso dos ritos chineses constituiu o ápice de uma série de debates teológicos que atravessaram a idade moderna e que repropunham, mais uma vez, o tema da relação entre antiguidade e modernidade. Os jesuítas certamente eram ‘modernos’: o desafio lançado pelos povos dos “novos mundos”, tanto das Índias Orientais como das Ocidentais, os põe em posição de destaque na tentativa de estudar, compreender e interpretar culturas distantes da europeia; mas o argumento usado para justificar e sustentar essa postura, como se viu nas citações de Ceva, tinha a ver com o “antigo”, com a relação privilegiada que os jesuítas estabeleceram com a cultura pagã clássica europeia. Além disso, enquanto os jesuítas promoveram o probabilismo, uma doutrina de teologia moral “moderna”, atenta à atualidade e às exigências morais de um mundo em evolução, sustentavam sua origem

⁶³ Ibid.

“antiga”, mostrando como o fundamento desse sistema teológico remontava aos Pais da Igreja.

O fim do século XVII constitui uma virada decisiva inclusive nos debates de teologia moral: o agravamento da crise dos ritos chineses acompanha a crise mais geral da teologia moral dos jesuítas, que encontravam oposição de vários lados, levando à desgraça da ordem inclusive em muitos ambientes eclesiais e à supressão da ordem no final do século XVIII. Também nesse caso, Milão foi um importante centro dessa “crise” teológica⁶⁴.

Milão bilingue

Neste breve retrato, Tommaso Ceva aparece como um fascinante porta-voz de tensões e bilinguismos culturais e religiosos que animaram Milão no período da Guerra de Sucessão Espanhola. São anos em que a adesão ao método científico não implicava um abandono da tensão religiosa e das últimas questões; em que a fidelidade a um modelo artístico clássico não impedia a reinvenção contínua; em que a autoridade indiscutível do *sermo romanus* não criava obstáculos à busca de uma língua viva; enfim, são anos em que, ao menos no ambiente jesuítico, havia uma tensão entre a centralidade de Roma e a abertura ao mundo, como exemplificado na disputa dos ritos chineses.

A grandeza de Ceva está no fato de que esses debates nele não são implícitos, mas abertamente tratados, discutidos com os amigos nas cartas. Disso deriva um conhecimento mais aprofundado e rico de nuances de um período que não pode ser definido com categorias limitadas.

O estudo de personalidades como Tommaso Ceva, homens ecléticos com interesses de amplo horizonte, permitirá focar de modo cada vez mais preciso o clima de Milão no início do século XVIII, como já demonstraram amplamente muitos estudos recentes sobre política, cultura e religião. Além disso, o silêncio em que as obras de Ceva caíram a partir do século XIX não deve fazer com que se menospreze sua influência e se ignore a persistência, como em um rio subterrâneo, de muitas de suas ideias e instâncias. Em 1962, Eugenio Montale, recapitulando a própria ideia de poesia depois da

64 Sobre os debates sobre probabilismo e infalibilidade pontifícia nos anos da Guerra de Sucessão Espanhola a partir das obras do jesuíta milanês Carlo Antonio Casnedi, ver meu *Un gesuita inquieto. Carlo Antonio Casnedi (1643-1725) e il suo tempo*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2006.

experiência de *Bufera*, afirmava: “Para mim vale ainda o princípio que foi enunciado por Tommaso Ceva no dia em que disse que a poesia é um sonho tido com a presença da razão”⁶⁵.

Tradução: Adriana Aikawa da Silveira Andrade e Andréia Guerini
(UFSC)

*Milão bilíngue:
o jesuíta
Tommaso Ceva
(1648-1737)*

107

65 MONTALE, E. *L'estetica e la critica* in “Il Mondo”, 11 de dezembro de 1962. Agora também em ID. *Sulla poesia*. Org. por G. Zampa. Milão: Mondadori, 1976, 141.

